



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Cartografia do desejo ambiental na universidade: possibilidades de atravessamentos da educação ambiental na formação acadêmica

Helen Moura Pessoa¹
Martha Tristão²

Resumo: Esse trabalho faz uma cartografia dos fluxos dos desejos ambientais no campus sul da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde é intensa a atividade rural. Ao cartografar os fluxos dos desejos, acompanhando as redes de conversações cotidianas no campus, observa-se um espraiamento desses fluxos em linhas de desterritorialização da máquina desejante-ambiental ao criar novas formas de *re-existências* em meio aos ditames desenvolvimentistas da agricultura convencional. Destacamos, em nossa análise, o Grupo de Agroecologia Kapi'xawa, que estabelece conexões com as culturas locais, criando possibilidades para o atravessamento da educação ambiental em uma perspectiva descolonizadora em meio ao poder maquínico da colonialidade.

Palavras-chave: Desejo ambiental. Colonialidade. Universidade.

Cartografía del deseo ambiental en la universidad: posibilidades de atravesamientos de la educación ambiental en la formación académica

Resumen: Este trabajo hace una cartografía de los flujos de los deseos ambientales en el campus sur de la Universidad Federal de Espírito Santo (UFES), donde es intensa la actividad rural. Al cartografiar los flujos de los deseos, acompañando las redes de conversaciones cotidianas en el campus, se observa un espiramiento de esos flujos en líneas de desterritorialización de la máquina deseante-ambiental al crear nuevas formas de re-existencias en medio de los dictámenes desarrollistas de la agricultura convencional. Destacamos, en nuestro análisis, el Grupo de Agroecología Kapi'xawa, que establece conexiones con las culturas locales, creando posibilidades para el atravesamiento de la

¹ Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Contato: helen.pessoa0911@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudo em Educação Ambiental (Nipeea) da UFES. Contato: marthatristao@terra.com.br

Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 190-206, mai./ago. 2019.

E-ISSN 1517-12561

educación ambiental en una perspectiva descolonizadora en medio del poder maquínico de la colonialidad.

Palabras clave: Deseo ambiental. Colonialidad. Universidad.

Cartography of the environmental desire in the university: possibilities of crossing of the environmental education in the academic formation

Abstract: This work brings the cartography of the flows of environmental desires on the southern campus of the Federal University of Espírito Santo (UFES), where the rural activity is intense. By mapping the flow of desires, following the networks of everyday conversations on campus, one notices a spreading of these flows in lines of deterritorialization of the environmental-desiring machine by creating new forms of re-existences amid the developmental dictates of conventional agriculture. We highlight in our analysis the Kapi'xawa Agroecology Group, which establishes connections with local cultures, creating possibilities for crossing environmental education in a decolonizing perspective, amid the machinic power of coloniality.

Keywords: Environmental desire. Coloniality. University.

Introdução

A educação ambiental, historicamente, vem insistindo sobre a importância do conhecimento e respeito a todas as formas de vida, atuando articulada aos movimentos sociais que resistem as formas imorais de exploração das *naturezas culturais*. Esses fluxos ambientalistas atuam como forças ativas na perspectiva nietzschiana (DELEUZE, 2007), criando formas de promover a sustentabilidade das relações da vida. Só a existência desses fluxos de vida já são resistências, ou, ao que chamaremos nesse estudo de *re-existências*.

Ao trazermos as *re-existências* como forças ativas e não reativas, mostramos que elas são movidas pelos seus desejos. Desejos que não remetem à falta, mas a algo que já possuímos como um objeto parcial e precisamos intensamente que ele se torne real (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Algumas vezes esses objetos parciais são virtualidades em nossos pensamentos, mas estão lá... tudo o que queremos é que eles se tornem reais.

Como os fluxos de desejo de vida engendrados pelo desejo maquínico da estudante sueca Greta Thunberg. A estudante sempre teve um inquietamento frente às incertezas de seu futuro, ameaçado pelo desenvolvimentismo que desrespeita aos limites de poluição. Diante de um cenário de insustentabilidade socioambiental, ela iniciou sozinha uma greve contra o aquecimento global em frente ao parlamento sueco, em 20 de agosto de 2018. Esse movimento molecular da estudante ressoou, e hoje o movimento “*Fridays for Future*”

leva multidões de crianças, jovens e agora também adultos às ruas, clamando por um futuro sustentável.

Como dizem Deleuze e Guattari (2014), o desejo é produtor, é máquina, é revolucionário, “e nenhuma sociedade pode suportar uma posição de desejo verdadeiro sem que suas estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia sejam comprometidas” (p. 158). Pois não são apenas os desejos que afetam o sistema, mas também seus fluxos e ressonâncias. Segundo os autores, não se deseja algo ou alguém, mas um conjunto, por isso não há desejo que não corra para um agenciamento, pois desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto. Os desejos não morrem juntamente com as pessoas que os tinham, eles não pertencem a ninguém e ao mesmo tempo pertence a todos. Foram esses desejos de vida, de justiça socioambiental que permitiram que muitos ambientalistas se mantivessem vivos, mesmo após suas mortes. Ainda sentimos a intensidade dos desejos de Chico Mendes, Dorothy Stang, Dionísio Ribeiro, Paulo Vinha e tantos outros mortos em suas lutas.

Nessa trajetória, buscamos nos aproximar dos autores como Deleuze e Guattari, para nos auxiliar na compreensão e investigação desses fluxos desejantes. Além disso, os autores apresentam uma perspectiva que dialogamos nessa pesquisa com a educação ambiental, que não concebe oposição entre os seres humanos e a natureza, mas simbiose e aliança.

Deleuze e Guattari (2014), em sua primeira obra em conjunto, *O Anti-Édipo*, trazem uma narrativa que busca romper com paradigmas tradicionais, como os da psicanálise e suas articulações na política e economia. Muitos são os conceitos criados que inquietam e engendram articulações às problematizações descolonizadoras que trazemos nesse estudo. Como as máquinas que compõem o corpo sem órgãos, sejam elas molares – dominantes e fixas – (máquinas sociais, técnicas ou orgânicas); ou moleculares – múltiplas e flexíveis – (máquinas desejantes); a produção de códigos e signos; as desterritorializações e reterritorializações³ que efetuam.

Apesar do Brasil ter declarado sua independência em 07 de setembro de 1822, em um processo que se estendeu de 1821 a 1825, muitos mecanismos de controle que tiveram seu início na colonização portuguesa ainda permanecem vívidos até hoje, pois mesmo as forças reativas possuem ressonância. E essas ressoam em nossas relações, instituições e

³ Em entrevista a Claire Parnet em 1988, intitulada “Abecedário”, Deleuze traz que o território só vale em relação a um movimento através do qual se sai dele... desterritorialização. Entretanto não há território sem um vetor de saída do território (desterritorialização), sem ter ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte (reterritorialização).

governos. Descolonizar é um processo, uma ruptura, que requer a descodificação dos fluxos colonizadores, desterritorialização do uno e reterritorialização do socius. Uma máquina desejanse ambiental que reterritorializa o que a máquina capitalista desterritorializou... nossa relação com a terra, com nossas culturas, nossos afectos... nosso desejo de compor o coletivo. Nossos desejos eco-comunitários.

Nossa ancestralidade se desenvolveu respeitando o meio ambiente, vivendo em comunidade e compartilhando suas experiências. As culturas indígenas e antigas tradições espirituais centradas na Terra, vindas da Europa e do Oriente Médio, vêem o mundo como relacional, como uma teia de vida interconectada. Nossa relação ancestral foi pouco a pouco sendo rompida com as diversas desterritorializações e reterritorializações do capitalismo, que se atualiza constantemente. Entretanto, há fluxos desejosos por resgatar essas relações ancestrais que introduzem perspectivas fundamentais para enfrentarmos as grandes crises de nosso tempo, como o colapso ambiental massivo em escala global e a enorme disfunção social e política (STARHAWK, 2018).

Aqui trazemos parte da cartografia desses fluxos de desejo na universidade, instituição que sofre as consequências dos processos colonizadores e maquínicos da colonialidade,⁴ onde uma formação monocultural prevalece a uma pluralidade cultural de pensamento, de tendências, de perspectivas, de ações e de movimentos. A educação ambiental é trazida em uma perspectiva descolonizadora, atuando de forma molecular, ativa, articulada aos movimentos sociais locais, que em um fluxo desterritorializado de desejo, trazem a importância de preservar seus hábitos e costumes ancestrais de vivenciar as *naturezasculturas* de cada lugar.

A formação ambiental entra nesse cenário exigindo uma desterritorialização do conhecimento tradicional para um conhecimento integrado articulado às culturas locais e aos movimentos sociais, com uma estreita relação entre investigação, ensino, difusão e extensão. É lógico que, uma mudança de paradigma que se propõe a repensar valores, atitudes para potencializar o sentimento, a intuição e o pensamento descolonializado, não é tarefa fácil. Necessariamente precisamos de uma abordagem complexa e poliperspectival da crise ambiental planetária.

Esse desafio se coloca assim de forma atrelada para a educação ambiental no ensino superior e a sociedade na qual está inserida. Repensar seus novos papéis na atualidade é

⁴ Conceito trazido por Ballestrin (2013) e vários autores latino-americanos, e refere-se aos mecanismos de controle que prevalecem na modernidade. Se no passado houve o processo de colonização, na modernidade prevalece o processo de colonialidade.

um desafio que requer a compreensão de sua complexidade. Nessa perspectiva, emergem várias possibilidades de investigação, como problematizar os movimentos de *re-existências*, fluxos desterritorializados de desejo, que surgem em meio a uma cultura imposta, a uma concepção tradicional de formação. Será que esses movimentos estão no fluxo de uma proposta descolonizadora? São fluxos de um devir revolucionário que criam possibilidades para a educação ambiental na universidade?

Há na universidade campos potenciais e zonas de intensidade que precisam ser cartografadas. É preciso estar à espreita para observar as inúmeras redes de interconexões que se desenvolvem em cada canto, em cada lugar, nos fornecendo possibilidades de invenção do comum.

Máquinas desejanter e os fluxos desterritorializados do desejo

Segundo Deleuze e Guattari (2014), tudo é máquina. Entretanto toda máquina é “máquina de máquinas” pois elas sempre estão em um processo de produção, promovendo desterritorializações, reterritorializações, descodificações. Os autores classificam as máquinas em molares e moleculares: sendo molares as máquinas dominantes, dentre elas os autores trazem as máquinas sociais, técnicas ou orgânicas; já as máquinas moleculares são as máquinas desejanter.

As máquinas desejanter funcionam desarranjando-se constantemente, e sua produção é multiplicidade pura, no “limite entre a organização molar e a multiplicidade molecular do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 140). São máquinas formativas, onde até suas falhas são funcionais. Operam por ligações não localizáveis e por localizações dispersas. Nessa perspectiva, a educação ambiental opera como uma máquina desejanter ambiental que está em todos espaços-tempos produzindo no e do comum.

As máquinas desejanter engendram fluxos desterritorializados de desejo. Desejo que não pode ser remetido à falta de algo, como fomos levados a pensar. Segundo Deleuze e Guattari (2014), sexualizaram o desejo, estrangulando toda a sua potência. A psicanálise teve grande papel nesse processo colonizador onde, através de uma perspectiva edipiana, propagou o desejo como uma abreviação sexual familiar da falta. Entretanto os autores realizam uma desterritorialização desse termo e logo nas primeiras páginas de *O Anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 2014) trazem que o desejo não deve ser submetido à falta de algo, pois ele é por si só produtor, é máquina, e complementam: “O ser objetivo do desejo é o real em si mesmo” (p. 43). Segundo os autores, através de suas pesquisas entre **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, v. 36, n. 2, p. 190-206, mai./ago. 2019.

vários relatos e estudos psiquiátricos, todos nós possuímos objetos parciais do que desejamos, almejando que eles se tornem reais.

Dessa forma, os autores produzem uma narrativa descolonizadora do desejo, um desejo “que ignora a lei, a falta e o significante” (p. 152), um desejo revolucionário frente a toda instituição, que é temido por sua potência em modificar situações de sujeição e exploração, um desejo que vai muito além do fator sexual, que atravessa o ser em sua essência,

Se o desejo é recalcado é porque toda posição de desejo, por menor que seja, pode pôr em questão a ordem estabelecida de uma sociedade: não que o desejo seja a-social, ao contrário. Mas ele é perturbador; não há posição de máquina desejante que não leve setores sociais inteiros a explodir. Apesar do que pensam certos revolucionários, o desejo é, na sua essência, revolucionário – o desejo, não a festa! – e nenhuma sociedade pode suportar uma posição de desejo verdadeiro sem que suas estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia sejam comprometidas (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 158).

Os desejos de vida, de verde, de coletivo que atravessam os ativistas ambientais, sociais, feministas, negros, LGBT’s, assustam uma sociedade que trabalha na manutenção de seus privilégios egoístas maquinados através das territorializações do uno. Temem, pois esses movimentos são máquinas desejantes, produtoras de fluxos desterritorializados, que engendram reterritorializações do socius.

Seguindo os fluxos de desejo

As investigações trazidas nesse trabalho, se iniciam no campus sul capixaba da UFES, que compreende os municípios de Alegre (sede) e Jerônimo Monteiro. Esses municípios possuem muitas atividades vinculadas à zona rural, assim, a maioria dos cursos desse campus, buscam atender a essa demanda. O campus possui intensa atividade de mobilização estudantil, entre coletivos, redes e centros acadêmicos. A maior parte dessas movimentações ocorrem no *mata-grama*, espaço de convivência com bancos, semelhante a uma praça, localizado entre os prédios de salas de aula (Foto 1). Os primeiros contatos foram realizados neste local, onde vários estudantes estavam agrupados em pequenos grupos. Ao abordá-los, foram passadas as informações sobre a pesquisa em andamento, e todos e todas receberam e assinaram o TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido), permitindo a gravação de imagens e sons.

Foto 1 – Espaço de convivência da universidade, *mata-grama*.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessas primeiras aproximações, os estudantes foram provocados a discutir entre eles e elas sobre: Educação Ambiental e a Universidade. Quais aproximações existem? Como a educação ambiental é abordada em seus cursos? Quais são as iniciativas que realizam para promover uma universidade mais sustentável? Assim que as provocações foram feitas, os estudantes formaram redes de conversações (MATURANA, 2001), em torno das problemáticas. Na perspectiva de Maturana (2001), nós existimos no fluir de nossas conversações e todas as nossas atividades acontecem como diferentes formas de conversações, de forma que, nossas culturas, instituições, sociedades, são constituídas como diferentes redes de conversações, cada uma definida por um critério particular de confirmação, que define e constitui o que a ela pertence. Dessa forma, acompanhar essas redes que ocorrem naturalmente no ambiente acadêmico pode nos apresentar pistas para mapear os fluxos de desejo na universidade.

No início, muitos estudantes demonstraram dificuldade para articular a educação ambiental à universidade, devido, principalmente, as poucas medidas institucionais que viabilizem a sustentabilidade do campus e o desconhecimento dessas práticas em outras universidades. Ao produzir as narrativas, notamos as tentativas de redução da educação ambiental às questões relacionadas ao lixo,

Eu acho que a UFES não seja assim, totalmente sustentável, porque tem, a questão do RU que tem o lixo orgânico, que é apenas descartado no lixão. Agora desses tempos para cá que começou a melhorar, porque o

campus não tinha lixeira para você dividir o lixo, para tipo o lixo seco, lixo úmido, não tinha também, agora que começou a ter. As vezes rola assim, palestras e tal, mas acho que tinha que ser de uma maneira mais massiva assim porque, as pessoas passam muito despercebidas entregando panfleto, muita gente também não se interessa pelo assunto (ESTUDANTE DE LICENCIATURA EM FÍSICA, 2019).

O problema de se dizer o que é uma universidade sustentável é que a gente não tem muitos exemplos, no Brasil, de universidades sustentáveis (ESTUDANTE DE AGRONOMIA, 2019).

No decorrer das conversas, alguns estudantes foram trazendo iniciativas dos próprios alunos e professores que trazem essa discussão ao campo acadêmico, de forma não-institucionalizada e voluntária:

Tem um projeto que uma colega do laboratório está fazendo, que é assim, não envolve a universidade, mas envolve de forma indireta, pelos alunos: quem tinha meias que já estão rasgadas e não dá mais para usar, isso seria usado para fazer cobertores para os moradores de rua (projeto meias do bem), então é também uma iniciativa (ESTUDANTE DE AGRONOMIA, 2019).

Alguns alunos destacaram a importância de levar os conhecimentos científicos à comunidade local, como forma de promover a educação ambiental no campus e acolher a comunidade nesse processo. Segundo elas e eles,

Uma universidade sustentável seria aquela universidade que não só faz coisas sustentáveis, não fica só ali no polo... é aquela que vai desde o diretor até a população que mora em volta da universidade (ESTUDANTE DE AGRONOMIA, 2019).

As vezes a pessoa está fazendo alguma coisa que é equivocada, mas porque passou a vida toda fazendo aquilo, viram os pais fazendo aquilo e ele continua fazendo, como usar agrotóxicos de forma incorreta. Então como o aluno aprendeu aqui que é errado, ele podia chegar lá no projeto de extensão e mostrar: 'se você usar menos agrotóxico... não vai agredir tanto o meio ambiente (ESTUDANTE DE AGRONOMIA, 2019).

Outros alunos trouxeram a importância de diminuir as barreiras entre os cursos e as disciplinas, promovendo ações integradas:

Fora que pensar na parte de sustentabilidade ambiental, eu acho que eles deviam aproveitar, por exemplo, aqui na UFES também, o potencial dos cursos que tem aqui pra criação de algum projeto, alguma coisa que melhore a UFES quanto uma universidade ambientalmente sustentável sabe... projeto de energia solar, com o pessoal da computação, sistemas e as engenharias, a biologia trabalha em cima disso... o *mata-grama* que a galera, acho que a Agronomia que reorganizou, já foi uma coisa que eu

acho que já deu uma certa ajudada... sabe talvez nessa integração de cursos, trabalhar com projetos que tragam sustentabilidade pra dentro da UFES (ESTUDANTE DE ENGENHARIA QUÍMICA, 2019).

Durante o acompanhar dessas redes e produção das narrativas, o desejo de verde, de vida foram nos mostrando pistas,

A pouco tempo não tinha esse jardim aqui (se referindo ao *mata-grama*), ... essa foi uma iniciativa sustentável pois utilizou a mão-de obra dos alunos, material que já tinha no campus... melhora tanto o aspecto da universidade, como o humor das pessoas (ESTUDANTE DE AGRONOMIA, 2019).

Os estudantes acabam vendo que não precisam esperar só uma decisão superior, que a gente pode ir atrás e procurar e tomar iniciativa de querer uma mudança sabe... eu acho que... nós estudantes deveríamos ter mais iniciativa de pedir essas mudanças... que isso acaba refletindo no que a gente vai ter na sala de aula, no que vai acontecer ali no RU [restaurante universitário], o que vai acontecer aqui no *mata-grama* sabe.... Eu acho que é muito de a gente tomar iniciativa na inspiração que esses eventos [se referindo ao movimento *Fridays for Future*, contra o aquecimento global] acabam trazendo (ESTUDANTE DE ENGENHARIA QUÍMICA, 2019).

Tentar fazer esses projetos de extensão talvez em escolas-família, que aí já mostra a criança, desde pequenininho, como que tem que ser lá na frente, eu acho que a chave está lá (ESTUDANTE DE ENGENHARIA QUÍMICA, 2019).

Ao observarem que suas formações não permitiam que seus desejos se tornassem reais, procuraram outras formas de promover a vazão de seus fluxos desejantes:

A gente veio para o Kapi'xawa porque a gente não tinha nada disso [no curso]... eu tenho certeza que a gente dentro do curso a gente não aprende nada sobre PANC's [plantas alimentícias não convencionais] e a gente aprende com a Dona Inês [agricultora rural] na feira. Então tem coisa muito importante que a gente não aprende lá (ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO E INTEGRANTE DO COLETIVO KAPI'XAWA, 2019).

Lá na Química é a mesma coisa, pelo menos na licenciatura, tem as matérias em si humanizadas, as pedagógicas, mas nada muito voltado para sustentabilidade ambiental... Tem a Química Ambiental, lá pelo *meiozão* do curso, mas pelo que eu vi lá no histórico, não fica tão enfatizado assim, algo bem superficial até, e bem pouco também... Acho que a necessidade de vir para o Kapi'xawa é de cada um também né, a necessidade que a gente vê na gente de buscar coisas novas e boas também.... e tentar fazer ao máximo para mudar e colaborar (ESTUDANTE DE LICENCIATURA EM QUÍMICA E INTEGRANTE DO COLETIVO KAPI'XAWA, 2019).

Eu decidi entrar para Kizomba, porque eu me identifiquei muito, principalmente com a democracia socialista, incluindo negros, gays,

LGBT's, mulheres, para uma sociedade mais igualitária, para tentar mudar mesmo, pelo menos a nossa sociedade, aonde a gente está incluído no caso, e o Kizomba é um movimento, um grupo que o nome já vem né... de quilombo, no caso, que eram as grandes festas que tinham nos quilombos na época da escravidão e tudo o mais, então é isso... a gente está aí para uma nova cultura política, tirar essas coisas velhas que estão aí carcomidas na nossa cultura, e incluir né, não excluir as pessoas (ESTUDANTE DE LICENCIATURA EM FÍSICA E INTEGRANTE DO COLETIVO KIZOMBA, 2019).

Os coletivos estudantis atuantes no campus, Kapi'xawa e Kizomba, foram se tornando mais presentes nas narrativas dos estudantes ao se falar em educação ambiental, culturas, diversidades, diferenças, nos mostrando mais pistas. Além de acolherem os fluxos desejantes, promoviam desterritorializações do uno, do pensamento individualista, e reterritorializações do socius, do compartilhado, do integrado, através de suas redes e ações.

Foto 2 – Roda de integração dos coletivos.



Fonte: Arquivo pessoal.

Porque sai fora do padrão acadêmico. No padrão acadêmico um quer ser melhor que o outro (ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO E INTEGRANTE DO COLETIVO KAPI'XAWA, 2019).

Assim, eu realmente me apaixonei pela Kizomba, quando eu vi a luta desse movimento dentro da universidade, a dificuldade de trazer para dentro da universidade, a cultura, em que todos nós, possamos falar, ouvir e sem repressão, sem nada do tipo....eu me apaixonei por pessoas da Kizomba que vieram a me trazer o conhecimento da Kizomba....e assim o fato de dentro desse coletivo, a gente ter espaços auto organizados para cada pessoa sabe, ter o enegrecer, ter a Kizomba arco-íris, ter a marcha

mundial das mulheres. É assim, algo importante, mostra que não é só o campus de Alegre, não é só o campus de Goiabeiras, que está lutando, mas sim uma juventude inteira lutando para a gente conseguir transformar o nosso amanhã e até mesmo o nosso hoje, em uma sociedade que a gente possa falar sem medo de ser reprimido (ESTUDANTE DE LICENCIATURA EM FÍSICA E INTEGRANTE DO COLETIVO KIZOMBA, 2019).

Eu acho que a educação ambiental é muito importante para todos os seres humanos... você precisa cuidar do seu planeta... você precisa cuidar da sua casa. Só existe um planeta Terra, então você precisa cuidar dele de todas as formas possíveis. No meu curso de Geologia, eu não tenho uma matéria específica de educação ambiental, mas assim que eu entrei na UFES, eu conheci o Kapi'xawa, que é uma ONG de Agroecologia aqui da faculdade. E com isso eu consegui participar de vários projetos e mutirões que trabalhassem com isso... reflorestamento, trabalhando com agricultura familiar, ajudando em feiras, realizando outros tipos de projetos voltados para um desenvolvimento sustentável (ESTUDANTE DE GEOLOGIA E INTEGRANTE DO COLETIVO KAPI'XAWA, 2019).

A educação ambiental, como uma máquina desejante, produz subjetivações, cria novas perspectivas de vida e relações, promove articulações e engendra fluxos desterritorializados de desejos coletivos por culturas, verde, vida. Uma máquina desejante-ambiental que está em todos espaços-tempos, produzindo no e do comum.

Cartografando os desejos ambientais

Dentre os diversos coletivos atuantes no campus, fomos levados a investigar o Grupo Kapi'xawa, devido ao seu maior envolvimento com a educação ambiental através da agroecologia e resgate das culturas ancestrais. O Kapi'xawa, originário da língua tupi, que significa “terra de plantação” ou “pequena unidade agrícola”, é atualmente uma organização não governamental e sem fins lucrativos, que teve seu início em 1987, a partir de um grupo de estudantes do curso de Agronomia do campus, que questionava o modelo de agricultura convencional imposto nas aulas. Dentre algumas atividades do grupo, há a facilitação de rodas de conversa com compartilhamento de saberes populares (Foto 3), onde questões relacionadas a justiça socioambiental são problematizadas; organização de feiras agroecológicas na universidade (Foto 4), fortalecendo a agricultura familiar da região; encontros com grupos folclóricos e vivências em propriedades rurais (Foto 5), trazendo a importância de preservar os hábitos e costumes ancestrais de vivenciar as *naturezas* culturas de cada lugar.

Foto 3 – Roda de conversa na propriedade rural São Esperidião em Alegre/ES.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 4 – Feira Agroecológica no Campus Sul da UFES, em Alegre/ES.



Fonte: Arquivo pessoal.

Foto 5 – Vivência na propriedade rural São Esperidião em Alegre/ES.



Fonte: Arquivo pessoal.

A escolha do nome que os identifica, Kapi'xawa, que vem da cultura indígena, nos mostra a intencionalidade de suas práticas agroecológicas e resgate da ancestralidade em se relacionar à terra. Além disso, trazem sua revolta diante da colonização portuguesa na região do Caparaó, onde toda população indígena foi assassinada.

Ao acompanhar as redes de conversações movidas por esse coletivo, podemos observar algumas ações e acontecimentos que foram nos fornecendo pistas para nossa cartografia, produzida na perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari (2011). Segundo os autores, o rizoma possui como princípios: a conexão e heterogeneidade (onde qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro); a multiplicidade (inexistência de unidade, onde as multiplicidades são definidas pelo fora); ruptura assignificante (linhas de desterritorialização que atravessam a estrutura e fogem sem parar); a cartografia e decalcomania (aberto, conectável em todas as suas dimensões, produção, e não reprodução como o decalque).

Apesar do grupo não possuir uma liderança e atuarem como uma autogestão, alguns alunos se sobressaem em meio as outras vozes do grupo, intensidades. Entretanto, quando provocados a responder se gostariam de liderar o grupo, todos se manifestaram contrários ao modelo hierarquizado, nos mostrando o princípio da multiplicidade.

Com relação ao envolvimento e ao apoio financeiro, todos os alunos fazem parte do coletivo voluntariamente e contribuem com uma mensalidade de cinco reais (\$ 5,00) por

mês para eventuais custos do grupo. Quando necessitam de valores referentes a participação em eventos ou reuniões com outros coletivos de agroecologia, recorrem geralmente a rifas. Os repasses de ações movidas por eles ou em articulação com outros movimentos sociais, são realizados em reuniões, que ocorrem semanalmente em uma sala atrás da quadra de esportes (espaço cedido pela universidade). As articulações do coletivo para criar possibilidades em meio aos poucos recursos, nos mostram o princípio da ruptura assignificante, onde atravessam as barreiras impostas pela estrutura e fogem como linhas de desterritorialização.

Os princípios da conexão e heterogeneidade são observados ao investigar suas atividades e novas conexões. O grupo possui uma agenda de atividades que é organizada coletivamente. Além de rodas de conversa com a comunidade local, oficinas de capoeira com crianças e jovens com vulnerabilidade social, toda semana eles organizam mutirões, para ajudar propriedades rurais locais, e uma feira agroecológica na universidade. A cada quinze dias eles promovem formações com temas diversos como: feminismo negro, autogestão, permacultura, entre outros temas. As formações e oficinas apesar de serem abertas a toda comunidade acadêmica, são frequentadas majoritariamente pelos integrantes do grupo. Quando algum aluno ou aluna que não pertence ao grupo, participa das ações promovidas pelo coletivo, geralmente se tornam integrantes posteriormente.

As relações que todos estabelecem com a comunidade rural local é familiar. Há trocas de trabalho e experiências nas propriedades por produtos que são colhidos posteriormente, isso ocorre desde a fundação do grupo, há 31 anos. Durante os relatos, observa-se que muitos alunos, apesar de suas obrigações acadêmicas, fazem questão de participar desse momento, que geralmente ocorre durante os finais de semana.

Geralmente, os alunos deixam de integrar o grupo, quando se formam, mas alguns continuam auxiliando com consultorias. A forma de ingresso ocorre sempre voluntariamente, onde os alunos procuram por uma abordagem mais sustentável de seus cursos. É predominante a narrativa de insatisfação com os conteúdos de suas grades curriculares, todos anseiam por vivenciar na prática os conhecimentos adquiridos, além de terem acesso aos conhecimentos culturais.

Esse coletivo, ao trazer à universidade questões relacionadas a agroecologia, justiça socioambiental, cultura e saberes populares locais, nos trazem pistas importantes para a investigação, ao verificarmos que os movimentos fomentados pelo grupo criam possibilidades para a educação ambiental na universidade. Em suas articulações na universidade e na comunidade, traz sua potencialidade como força ativa no campus,

produzindo uma educação ambiental local e molecular. Segundo Deleuze e Guattari (2011), todas as forças ativas, são moleculares. Ser molecular é ser múltiplo, é não supor nenhuma unidade ou totalidade, nunca ser remetido a um sujeito. É isso que traz tanta intensidade ao múltiplo, ao coletivo.

O coletivo também nos fornece pistas, ao observamos a relação de respeito a Terra e as espécies que dependem dela, como nas culturas ancestrais. O resgate dessas relações pode ser observado ao realizarem práticas agroecológicas, como a permacultura; e ao realizarem os rituais de fertilidade, como o sagrado feminino, resgatando as relações da mulher à terra. Os fluxos de desejo da Terra, de verde, de coletivo, engendrados pela máquina desejan-te-ambiental, se articulam como linhas de desterritorialização em meio a atuação axiomática da máquina capitalista da colonialidade. A autora eco-feminista Starhawk (2018) também dialoga nessa perspectiva. Para a autora, resgatar nossa relação ancestral com a natureza é um acontecimento tão poderoso, que é muito temido pela máquina capitalista. Como continuar explorando a natureza quando reconhecemos nosso pertencimento a ela? Por isso, colonizar as mentes, descontextualizando de suas culturas, faz parte das engrenagens dessa máquina capitalista. Entretanto, a máquina desejan-te-ambiental está por toda parte, buscando resgatar essas relações, produzindo fluxos desterritorializados do desejo.

Considerações finais

Ao cartografar os fluxos de desejo, acompanhando as redes de conversações que ocorrem no campus da universidade, observa-se que eles se espalham pela universidade como linhas de desterritorialização, criando outras formas de *re-existências*. Cartografar esses fluxos de subjetividades emergentes, nos forneceu possibilidades de invenção do comum e permitiu o atravessamento da educação ambiental no ambiente universitário, dando visibilidade às *naturezas culturas* locais. Destacamos os fluxos de desejo fomentados pelo grupo de agroecologia Kapi'xawa, que com suas redes de compartilhamento de saberes, encontros com grupos folclóricos da região, vivências em propriedades rurais, oficinas, dentre diversas ações, criam possibilidades para a educação ambiental em uma perspectiva descolonizadora, em meio ao poder maquínico da colonialidade.

Essa pesquisa nos mostrou uma educação ambiental molecular, múltipla, nômade e revolucionária. Aquela que se articula aos movimentos sociais e à cultura local, procurando re-existir nas instituições de ensino que tentam estrangulá-la em disciplinas e

ações esporádicas. A educação ambiental é transdisciplinar, é dimensional. É uma máquina desejante-ambiental que engendra fluxos desejosos de verde, de *naturezas culturais*, de coletivos. A maioria de suas ressonâncias são informais e transgressoras. É claro que há várias formas de trazer-la à universidade de forma formal como nos currículos e em projetos, mas a ausência destes, não são capazes e extingui-la. Ela sempre irá se articular e engendrar outras formas de se promover em todos os ambientes, pois é maquínica.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.11, p. 89-117, maio/ago. 2013.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2ª Ed. (1ª Reimpressão). São Paulo: Editora 34, 2014.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG (Humanitas), 2001.

STARHAWK, Miriam. Magia, visão e ação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 52-65, abril 2018.

Submetido em: 05-04-2019.

Publicado em: 20-07-2019